

CONTRIBUIÇÃO QUE A CRIAÇÃO DE PEIXES E CAMARÕES DE ÁGUA
DOCE PODE DAR AO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE.

AYRTON FERNANDES DA COSTA
Professor Assistente do Deptº de
Pesca da UFRPE

Atualmente, na quase totalidade dos países em desenvolvimento, não se verificam situações graves de fome, no sentido de faltar alimentos para sobrevivência, excetuando-se ocasiões de catástrofes, como as secas prolongadas que ocorrem episodicamente no Nordeste brasileiro ou no Sahel Africano. Alimentação inadequada, entretanto, é um fato generalizado, o que não minimiza sua terrível natureza.

A inadequação nutrimental decorre, primariamente, do desequilíbrio entre os alimentos amidoados e os proteícos. Destes, cerca de três quartas partes têm origem em produtos vegetais, e as fontes dos aminoácidos essenciais são precisamente as proteínas animais. O consumo *per capita* de alimentos amidoados, nos países considerados desenvolvidos, é apenas ligeiramente superior ao dos países em desenvolvimento. As diferenças quanto ao consumo de proteínas animais, no entanto, são gritantes, chegando a seis vezes mais naqueles.

Os países desenvolvidos guardam entre si uma grande similitude quanto ao potencial de aumento de produção de proteínas animais: um clima temperado, o que vale dizer um período anual muito curto para produção orgânica, e uma taxa de exploração perigosamente próxima aos limites máximos sustentáveis. Segundo a FAO, em 1962 havia apenas pouco mais

de melo hectare (1,3 acres) de terra arável *per capita* em nosso planeta. Mesmo considerando uma distribuição geográfica ideal, o que sabemos impossível, o total de proteínas produzido no mundo seria apenas suficiente para satisfazer um terço da demanda global, se considerarmos também uma generalização para as dietas adequadas.

As possibilidades de um aumento significativo na produção de proteínas animais não parece repousar nos países desenvolvidos, talvez com exceção do Canadá, mas neste as extremas variações de temperatura devem ser levadas em consideração. Dos países do Terceiro Mundo podemos excluir aqueles densamente povoados, como os da Ásia, onde mesmo um tremendo esforço neste sentido estaria comprometido com as necessidades próprias. Ao considerarmos apenas aqueles com grande extensão territorial e população relativamente rarefeita, veremos que a Austrália está cercada pelo deserto, e a África num quadro de longo e conturbado acomodamento étnico-político, restando o destaque sobre a América do Sul.

Estas talvez sejam as explicações do porquê as nações que detêm há séculos a tradição e o domínio das técnicas de produção de pescado cultivado - Europa e Ásia - não podem ir além do mercado interno. Encontra-se na própria tradição ou melhor, nas raízes desta tradição, o motivo pelo qual nós não devemos considerar como argumento racional, contra um desenvolvimento sério deste setor no país, " A falta de vocação cultural e a ausência de tradições ".

Numa análise comparativa entre o Brasil e os países que têm tradição milenar na criação de peixes, como a China e Japão, verificaremos que a densidade demográfica nelas é alta e tem sido assim por séculos. Pode-se deduzir, de forma bastante simples, a grande pressão de pesca a que as populações piscícolas de água doce foram submetidas, não sendo estas suficientes para garantir uma exploração de subsistência. Como ocorreu com outros animais, quando as populações naturais não eram mais suficientes para garantir o sustento, algumas espécies ictíacas foram domesticadas e a Piscicultura foi iniciada, passando a representar uma parcela importante na economia e nos hábitos alimentares destes povos. No

Brasil, como em toda a América Tropical, a abundância da fauna, em posição às populações ameríndias, extremamente diluídas nas vastidões espaciais, permitiu que a pesca continental permanecesse indene, fazendo também - e aqui frisamos a homologia - parte importante na economia e dos hábitos alimentares. Esta relação fauna/densidade populacional continuou mesmo após a chegada do Europeu, há apenas cinco séculos e a quem coube absorver a então racionalidade dos costumes indígenas.

Agora os peixes e camarões não mais são abundantes nos rios e lagoas do Nordeste. Os efeitos das atividades do Homem, na segunda metade do Século XX, foram muito mais rápidos que os observados no Oriente, em épocas outras. Não houve tempo para implantação natural de uma tradição. Será difícil entender que podemos criá-la? já fizemos o mesmo em outros setores.

Quando ouvimos os primeiros resultados da agricultura de irrigação e seus efeitos seletivos nas atividades econômico-sociais, sabemos que aí estão sendo aplicados os mais modernos e sofisticados recursos técnico-científicos que dispomos. Sabemos também que o Vale do São Francisco terá sempre uma economia agrícola diferente da tradicional e diferente também da de outras regiões nordestinas. Com a irrigação a agricultura é menos dependente das variações meteorológicas e se aproxima mais dos sistemas de produção industriais. Os investimentos são mais vultosos e a necessidade de produtos de elevado valor comercial é decorrente, assim como a exportação. Na aquicultura também ocorrem basicamente os mesmos princípios e as mesmas facilidades de avaliação quantitativa. Não mais é predação de um limitado recurso natural, ao sabor das variações cíclicas, e muitas vezes imprevisíveis, da natureza. Apesar dos investimentos iniciais e levados, o acesso a cálculos mais racionais sobre o produto final, alcança os benefícios de um empreendimento financiável por agências governamentais que carregam posteriormente capitais privados.

Dentro das projeções da fome protéica mundial e a conseqüente pressão nas opções de exportação, a par da

situação interna da nutrição e do bem estar humanos, talvez seja este o momento apropriado para olharmos a contribuição que a criação de peixes e camarões de água doce pode dar ao desenvolvimento do Nordeste.